

3 Metodologia

3.1 Tipo de pesquisa

A pesquisa pode ser considerada exploratória, no que pretende contribuir à evolução ao conceito de aprendizagem organizacional, visto que há relativamente pouco conhecimento empírico, no que tange ao papel dos relacionamentos interpessoais na aprendizagem organizacional. Segundo Gil (1991), a pesquisa exploratória tem como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema com vistas a torná-lo mais explícito.

A pesquisa pode, ainda, ser considerada compreensiva, pois observa aspectos objetivos e subjetivos na forma de trabalhar de uma empresa brasileira, apontando práticas relacionais utilizadas que impactam na aprendizagem organizacional. Busca compreender um fenômeno a partir de uma visão integrativa, contextualizando as relações do fenômeno estudado, sem separar o que é cognitivo do que é afetivo. O meio utilizado é o estudo de caso.

3.2 Descrição do Método

A pesquisa realizou um estudo de caso, com coleta de dados primários, realizada através de questionários e entrevistas em profundidade.

De acordo com Yin (2005), o estudo de caso surge do desejo de compreender fenômenos sociais complexos e permite uma investigação que preserve as características holísticas e significativas da vida real, onde se enquadram a aprendizagem organizacional e os relacionamentos interpessoais. Seu intuito é investigar um fenômeno contemporâneo no contexto da realidade, especialmente quando os limites entre o fenômeno e o contexto não estão claramente definidos. Yin (op. cit) enfatiza que o estudo de caso é generalizável a proposições teóricas, e não a populações e universos. Tem “o objetivo de expandir e generalizar teorias (generalização analítica) e não enumerar frequências (generalização estatística)” (p.30). Esta é uma conhecida limitação.

3.3

Unidade de análise

A empresa escolhida foi a FEMAQ – Fundação, Engenharia e Máquinas Ltda., considerada uma das mais avançadas no projeto de EdC. A escolha da empresa não foi aleatória, e sim baseada nas pesquisas de Gonçalves e Leitão (2001), Almeida (2002) e Pinto (2004), sobre empresas de Economia de Comunhão, graças às características peculiares verificadas em seus relacionamentos por estes estudos.

3.4

Coleta de dados

A coleta de dados foi realizada de duas maneiras: questionários e entrevistas.

Os questionários apresentaram treze perguntas sendo onze elaborados pela escala *likert*, de cinco níveis, do mais positivo (5) para o mais negativo (1), e duas questões chamadas de *checklist*, onde os respondentes poderiam marcar quantas opções desejassem. O modelo do questionário aplicado encontra-se em anexo (anexo nº 1).

Através das perguntas, procurou-se investigar as seguintes variáveis: aprendizagem de tarefas; influência do relacionamento com a pessoa que ensinou a tarefa no aprendizado; aprendizagem de normas de comportamentos; motivação a aprender tarefas e comportamentos; relacionamento com os funcionários; confiança nos colegas; confiança nas chefias; acesso às informações; afetividade nas relações interpessoais; respeito nas relações interpessoais; solidariedades nas relações interpessoais; influência dos relacionamentos na aprendizagem. As questões tipo *checklist* referiram-se aos fatores motivadores da aprendizagem e aos sentimentos a respeito dos relacionamentos interpessoais na empresa.

As entrevistas foram realizadas de acordo com um roteiro semi-estruturado, cada uma com a duração de aproximadamente uma hora. Procuraram investigar a percepção de diretores e funcionários (administrativos e operários) a respeito dos relacionamentos na empresa, da aprendizagem na empresa e das conexões entre eles.

3.5

Tratamento dos dados

3.5.1

Análise estatística

Foram aplicados cinquenta questionários nos funcionários da FEMAQ, 79.6% da amostra era formada por operários e 20.4% era formada por funcionários administrativos. Quarenta e cinco questionários foram recebidos, apenas um foi invalidado, totalizando 52% do universo. De todas as respostas, apenas cinco questões (quatro de um mesmo respondente e uma de um segundo respondente) foram deixadas em branco e foram tratadas de acordo com Hair *et al* (1998), como *missing values*. Segundo este método, as respostas foram arbitradas com o valor da escala que mais se aproximou da média para cada questão.

As questões foram formuladas em escala *likert*, com níveis de 1 a 5 (questões 1, 2, 3, 5, 7, 8, 9, 10, 11, 12 e 13) e tipo *checklist*, em que os respondentes puderam marcar quantas opções desejassem (questões 4 e 6).

De posse das respostas dos questionários, foram realizadas as análises estatísticas descritivas e a análise de correlação de Spearman, específica para testes não paramétricos, com o auxílio do *software* estatístico “SPSS” versão 11.5.

3.5.2

Análise de conteúdo

Foram realizadas quinze entrevistas com operários (47%), funcionários administrativos (33%) e diretores (20%), às quais foi aplicada a análise de conteúdo.

A análise de conteúdo, originalmente, representa o instrumento de pesquisa empregado para determinar a presença de algumas palavras ou conceitos dentro de um texto ou conjunto de textos e, a partir da análise dos dados (qualitativa e/ou quantitativa) e das relações entre eles, com a finalidade de fazer inferências sobre as mensagens contidas no texto.

De acordo com Bardin (1988), a categorização é uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto, por diferenciação e, seguidamente, por reagrupamento segundo o gênero (analogia). Deste modo, a

análise de conteúdo categorial é alcançada por operações de desmembramento do texto em unidades, em categorias, segundo agrupamentos analógicos, e caracteriza-se por um processo estruturalista que classifica os elementos, segundo a investigação sobre o que cada um deles tem em comum. Ou seja, as categorias são rubricas ou classes, as quais reúnem um grupo de elementos (unidades de registro) sob um título genérico, em razão dos caracteres comuns apresentados por estes elementos.

Segundo a autora, a categorização tem como primeiro objetivo fornecer, por condensação, uma representação simplificada dos dados brutos. As inferências finais são efetuadas a partir do material reconstruído. Através das relações entre as categorias, e de suas interpretações, é possível desenvolver explicações e afirmativas (proposições).

Supõe-se que o processo de decomposição-reconstrução desempenhe uma determinada função na indicação de correspondências entre o texto analisado e a realidade subjacente. A análise de conteúdo assenta implicitamente na crença de que a categorização (passagem de dados brutos a dados organizados) não introduz desvios, por excesso ou por falta, no material, mas que revela índices invisíveis, ao nível dos dados brutos. (Bardin, op.cit., p. 119)

O critério de categorização adotado foi o semântico, por categorias temáticas, de acordo com seus significados, a partir das significações que a mensagem fornece. O processo transcorreu da seguinte forma: fornecido o sistema de categorias, dividiram-se os elementos, com o auxílio do *software* Atlas.ti, à medida que foram encontrados. Esse procedimento é chamado por Bardin (op. cit.) de “procedimento por caixas”.

Em seguida, igualmente com a utilização do *software* Atlas.ti, foi realizada a análise das relações entre algumas categorias, com base na análise das co-ocorrências, também conhecida por análise contingencial. A análise das co-ocorrências procura extrair do texto as relações entre os elementos da mensagem, assinalando as presenças simultâneas de dois ou mais elementos na mesma unidade de contexto. A co-ocorrência de dois ou mais elementos revela a sua associação ou a sua dissociação na mente do locutor. (Bardin, op. cit., p. 198).

Nas duas etapas, há a necessidade de revisão, pelo pesquisador, do trabalho do *software*. A revisão elimina marcações de trechos com significados diferentes, mas com o mesmo significante, por exemplo, a mesma palavra com sentidos diferentes. Foi o caso da palavra “participação”, encontrada em referências à colaboração no trabalho e às formas de remuneração. Do mesmo modo, na análise de co-ocorrências, é necessário, revisar a correta inter-ligação para eliminar os acasos e reduzir possíveis vieses.

A última etapa, após a revisão, é a interpretação dos resultados. Com relação à análise de co-ocorrências, foram produzidas tabelas de correlação e representações gráficas de redes, facilitando a visualização das relações entre as categorias. (Bardin, op. cit., p. 201).

De acordo com a autora, a análise de contingências revela as relações, mas sem as explicar. Portanto, não foram investigadas, neste estudo, as naturezas das relações entre as categorias, como, por exemplo, causalidade, complementaridade, pertencimento, igualdade, etc. A pesquisa, no entanto, é útil ao revelar a rede de relações e conexões entre as categorias que formam o ambiente propício à emergência da aprendizagem organizacional.

3.6

Limitações do método

Uma limitação ao estudo de caso, já citada, é a impossibilidade de generalização estatística. Entretanto, esta pode ser compensada com a generalização analítica.

Como toda pesquisa, este trabalho é circunscrito ao tempo e ao contexto histórico em que o estudo ocorreu. E, além disso, à especificidade da empresa, por participar do projeto de Economia de Comunhão.

Outra limitação é a própria percepção da pesquisadora, na realização e análise das entrevistas, uma vez que cada indivíduo possui um diferente aparato de referência pessoal e cultural de percepção.

A adoção de *softwares* específicos, amplamente utilizados para tais fins (tanto na análise descritiva, como na análise de conteúdo) visam reduzir possíveis limitações.

Apesar das limitações apresentadas, este método é o mais adequado para atingir os objetivos da pesquisa, em um tema em que a sistematização da teoria é incipiente e porque o estudo de caso possibilita uma visão mais abrangente e profunda do fenômeno estudado.